

Biblioteca Reformada ARPAV **William Romaine\***

*J. C. Ryle* □

**A** verdadeira Igreja de Cristo é curiosamente similar a um exército bem equipado. Todos os soldados de um exército devem fidelidade a um mesmo soberano, e estão todos engajados em uma mesma causa. Eles são comandados por um general, e lutam contra um adversário comum. Mas, ainda assim, há clara variedade e diversidade entre eles. Cavalaria, infantaria e artilharia, têm cada um seu modo peculiar de combate. Cada pelotão é útil em seu modo de combater. E a combinação bem balanceada de todos três é que dá ao exército eficiência e poder.

Exatamente o mesmo ocorre com a verdadeira igreja de Cristo. Todos os seus membros amam o mesmo Senhor, e são guiados pelo mesmo Espírito. Todos travam o mesmo combate contra o pecado e o diabo, e todos crêem no mesmo Evangelho. Mas o trabalho de um soldado de Cristo não é o mesmo de outro. Cada um é designado pelo Grande Capitão para preencher sua posição específica, e cada um é especialmente útil em seu próprio departamento.

Pensamentos como estes passam pela minha mente quando eu deixo Whitefield, Wesley e Grimshaw, e vou para o quarto herói espiritual do século passado - William Romaine. Quanto à doutrina e piedade prática, os quatro bons homens, de um modo geral, pensavam unanimemente. Quanto ao modo de trabalhar, eles foram curiosamente diferentes uns dos outros. Whitefield e Wesley eram a cavalaria espiritual que percorria o país e podiam ser encontrados nos mais diversos lugares. Grimshaw era um soldado de infantaria, que tinha seu quartel general em Haworth e nunca foi muito longe de casa. Romaine, entretanto, era um comandante de artilharia pesada, que ocupava uma cidadela no coração de uma metrópole, e raramente ultrapassava para além de suas muralhas. Não obstante, estes quatro homens foram poderosos instrumentos para o bem nas mãos de Deus; e nenhum deles poderia ser

dispensado. Cada um fez um bom serviço na sua própria linha; e não menos útil, eu espero mostrar, foi o Reitor de Blackfriars, William Romaine. No que diz respeito aos, assim chamados, dons populares, sem dúvida ele não se igualou aos seus três grandes contemporâneos, mas provavelmente nenhum dos três estava tão preparado como ele para ocupar a posição que ocupou em Londres.

William Romaine nasceu em Hartlepool, no Condado de Durham, no dia 25 de setembro de 1714. Seu pai foi um dos protestantes franceses que se refugiaram na Inglaterra depois da revogação do Edito de Nantes; estabeleceu-se em Hartlepool, como comerciante de cereais, e parece ter prosperado no negócio. De qualquer modo, o pai de William Romaine educou uma família de dois filhos e três filhas, e, ao falecer, em 1757, com a elevada idade de oitenta e cinco anos, era reputado um homem de elevado caráter, gentil e estimado.

Há toda razão para se crer que os pais de Romaine eram pessoas decididamente piedosas, e que, desde seus primeiros anos, Romaine viu o verdadeiro Cristianismo tanto ser ensinado, como vivido em sua própria casa. O valor deste raro privilégio dificilmente pode ser superestimado. As sementes de uma longa vida de serviços e utilidades foram certamente semeadas pelo Espírito Santo em sua casa, em Hartlepool. Romaine nunca esqueceu isto. Em uma carta escrita a um amigo, quando já estava com setenta anos de idade, ele usa a seguinte expressão: “O Sr. Whitefield freqüentemente costumava me lembrar o quão singularmente favorecido eu fui. Ele não tinha nenhum convertido na sua família, enquanto que meu pai, minha mãe e minhas três irmãs eram como aquelas abençoadas pessoas a respeito de quem está escrito ‘Jesus amava Marta, sua irmã e Lázaro’. E, assim como eles O amavam, assim também nós.”

Com a idade de dez anos, Romaine foi mandado a uma bem conhecida escola em Houghton-le-Spring, no Condado de Durham, fundada pelo famoso Bernard Gilpin, no tempo da Reforma Protestante. Nesta escola ele permaneceu durante sete anos. Daí, no ano de 1731, ele foi mandado para Oxford; e, depois de primeiramente ingressar no Hertford College, foi finalmente transferido para a

Christ Church. Durante os primeiros seis anos parece que ele morou principalmente em Oxford, até que obteve seu grau de Mestre em Artes, em outubro de 1737.

Quanto ao modo de vida de Romaine em Oxford, não sabemos nada, exceto que era um homem de muita leitura e tinha grande reputação como um homem de habilidades. Não temos nenhum registro sobre seus amigos, companheiros e pessoas com as quais tinha contato. Isto, a princípio, parece digno de nota, quando lembramos que era precisamente neste período que o assim chamado 'Metodismo' surgia na Universidade. Na verdade, esta era exatamente a época quando John Wesley, Charles Wesley, Whitefield, Ingham e Hervey, estavam iniciando o trabalho para Cristo em Oxford e haviam formado sua sociedade religiosa. Não há, entretanto, o menor sinal de qualquer contato entre eles e Romaine. A suposição natural é que ele estivesse tão absorvido em suas atividades literárias que não dispunha de tempo para qualquer outro trabalho. A isto podemos acrescentar o fato de que a tendência natural de seu caráter provavelmente o inclinaria a caminhar por si mesmo e permanecer sozinho.

A elevada reputação que ele obteve na Universidade, como um homem erudito, é claramente mostrada em uma história relatada sobre ele pelo seu Curado e sucessor, Sr. Goode, depois de sua morte. Ele diz em seu sermão fúnebre: "Vestuário nunca foi a fraqueza do Sr. Romaine. Sua mente estava além destes ornamentos emprestados. Imerso em suas nobres atividades literárias, antes de sua consagração a um propósito ainda mais excelente, ele atentava muito pouco para a aparência exterior. Ao ser observado em Oxford, em certa ocasião, por andar relativamente mal vestido, um visitante perguntou a um amigo, mestre de um dos colégios: 'Quem é esta negligente pessoa com as suas meias arriadas?' O mestre replicou: 'Esta pessoa negligente, como você o chama, é um dos maiores gênios de nossa época, e provavelmente será um dos maiores homens do Reino.' "

Elogios como este, sem dúvida, eram algo exagerado e extravagante. Mas, de qualquer modo, não pode haver nenhuma dúvida de que Romaine deixou Oxford

como um completo erudito e um homem de grande conhecimento. Seus maiores inimigos no futuro não poderiam acusá-lo de ser inculto e ignorante. Eles poderiam não gostar de suas posições doutrinárias, mas não poderiam nunca negar que, em qualquer questão quanto ao grego, hebraico ou latim, sua opinião outorgava respeito. Bom seria para as igrejas, se, no que diz respeito a isto, houvesse mais ministros evangélicos que seguissem os passos de Romaine. Graça e pureza de fé, diligência e piedade pessoal, sem dúvida são as coisas principais. Mas a erudição não deveria ser desprezada. Um ministro ignorante e sem cultura em dias de atividade intelectual, mais cedo ou mais tarde será desprezado.

Romaine foi ordenado diácono em Hereford, em 1736, pelo Bispo Egerton; e ministro em 1738, pelo Bispo de Winchester, o conhecido Dr. Hoadley. A história dos primeiros onze anos da sua vida ministerial está envolta em muitas incertezas. Eu não posso dizer ao leitor quem o indicou para o ministério ou por que foi ordenado em Hereford. Eu só pude descobrir que o seu primeiro campo foi o Curado de Lewtrenchard, perto de Okehampton, em Devonshire. Ele foi ali para visitar um amigo de Oxford, cujo pai morava em Lidford, e com a condição expressa de que seu amigo lhe encontraria trabalho. Permaneceu por apenas seis meses. De Lewtrenchard ele mudou-se para a diocese de Winchester, e foi Curado de Banstead, próximo de Epsom, onde permaneceu, até onde pude descobrir, por um período ininterrupto de dez anos. Muito do que aconteceu na sua vida provavelmente dependeu deste período. Foi aí que ele veio a conhecer o Sr. Daniel Lambert, um vereador de Londres que viveu na paróquia e foi prefeito em 1741. Ele tinha Romaine em tão alta conta que o designou seu capelão durante os anos do seu mandato - circunstância que o fez conhecido como pregador, tanto na Catedral de São Paulo, como em muito outros púlpitos londrinos.

É muito provável que os dez anos que Romaine passou em Banstead foram anos de profundo estudo e atividade literária. Foi nesta época que ele publicou dois volumes em resposta ao 'Legado Divino de Moisés', de Warburton, nos quais ele competentemente rebateu as posições principais deste nocivo livro. Ele também preparou para publicação uma nova edição da Concordância e Léxico Hebraico de Marius de Calasio, em quatro espessos volumes - obra esta que

requeriu muita dedicação e que o ocupou por não menos de sete anos. O pequeno tamanho da sua paróquia em Banstead, sem dúvida, deixava-lhe bastante tempo para estudar; e esse tempo foi muito bem aproveitado. A posição extremamente firme e decidida que ele assumiu em pontos doutrinários na sua vida posterior pode, com toda a probabilidade, ser atribuída aos calmos dez anos que passou no Curado de Surrey. Pedras fundamentais são freqüentemente estabelecidas na mente de um jovem ministro durante sua estadia em tais circunstâncias, as quais, nada no futuro, poderá abalá-las ou movê-las.

Apesar das incertezas quanto ao começo do ministério de Romaine, uma coisa é certa: nunca parece ter havido um período, desde o tempo de sua ordenação, em que ele não pregasse as claras, distintas, inconfundíveis doutrinas evangélicas. As verdades do glorioso Evangelho parecem ter sido aplicadas ao seu coração desde os dias de sua infância, em Hartlepool. Desde o início ele foi um teólogo bem instruído e diferente de muitos outros ministros. Ele nada teve que desaprender depois de sua ordenação.

A prova disto pode ser vista no sermão que ele pregou na Catedral de São Paulo, como capelão do prefeito, no dia 2 de setembro de 1741. Nessa época, deve-se lembrar, ele tinha apenas vinte e sete anos de idade. O título desse sermão era “Não há justificação pela Lei da Natureza”, e o texto foi Romanos 2:14,15. Cadogan, seu biógrafo, observa corretamente quanto ao seu sermão: “Embora não percebamos nesta sua mensagem a mesma experiência fértil, uso, e aplicação da verdade que podem ser encontradas em seus escritos posteriores, ainda assim, descobrimos nela a mesma verdade, pela qual foi livrado dos erros de seu tempo, e em cujo deleite ele viveu e morreu... A verdade é que Romaine foi um crente possuído da mesma fé sem fingimento que habitou primeiramente em seu pai e sua mãe e estamos certos de que também nele.”

O segundo claro período da vida ministerial de Romaine se estende de 1748 a 1766. Durante esse espaço de dezoito anos, ele enfrentou algumas das maiores provações e preencheu muitos postos diferentes na vinha do Senhor, mas sempre em Londres. Eu posso acrescentar que talvez em nenhum outro período

de sua vida ele tenha sido mais útil e popular. Romaine estava em pleno vigor de corpo e mente, e desfrutava da reputação de um descompromissado e ousado pregador da doutrina evangélica por toda a metrópole. Poucos outros homens vivos o igualaram, e menos ainda o ultrapassaram.

O primeiro posto que Romaine ocupou regularmente em Londres foi o de pregador em St. Botolph, em Billingsgate. As circunstâncias que resultaram na sua designação foram tão singulares que acredito ser bom mencioná-las. Elas fornecem uma admirável ilustração da maneira como Deus opera através de Sua providência a fim de encontrar posição adequada para o seu povo. Parece ter sido a intenção de Romaine, depois que terminou sua edição do Léxico de Calasio, voltar para o município onde nasceu e procurar um ofício próximo de sua casa. Na verdade, ele já havia feito suas malas e mandado a bordo de um navio com este propósito. Mas, quando ele se dirigia para o cais, a fim de confirmar sua própria passagem, encontrou-se com um senhor totalmente estranho que o parou e perguntou-lhe se seu nome era Romaine. O senhor havia anteriormente conhecido seu pai, e foi levado a fazer-lhe tal pergunta ao observar a forte semelhança que havia entre eles. Depois de algumas conversas sobre a família de Romaine, o referido senhor, o qual era um homem de alguma influência na cidade, disse-lhe que o posto de pregador na capela de St. Botolph, em Billingsgate, encontrava-se vago e que, se ele quisesse ser um candidato para o posto, com prazer exerceria sua influência a seu favor. Romaine, vendo nesta providência inesperada o dedo de Deus, aquiesceu de imediato, desde que não fosse obrigado a solicitar votos dos votantes pessoalmente, um costume que ele sempre considerou inconsistente com o ofício de um ministro. O resultado foi que, no outono de 1748, ele era escolhido pregador de St. Botolph, e deu início à sua longa carreira como um ministro em Londres.

É profundamente instrutivo observar, em um caso como este, como Deus escolhe o lugar para habitação dos seus, e coloca-os onde Ele sabe ser o melhor. Cadogan, o excelente biógrafo de Romaine, observa nesta parte de sua história: “Morar na metrópole era a coisa que ele menos pensava, e para o que estava menos inclinado devido à tendência de seu caráter para o estudo da natureza, dos minerais, fósseis, plantas e das maravilhas de Deus na criação. Uma vida no interior, tão favorável a estas atividades, teria sido preferido por ele.

Mas Deus escolheu de outra maneira; e através de uma trivial circunstância e um aparente incidente, mas, na realidade, uma ação da providência - como a que decide a condição da maioria dos homens -, Deus o chamou para ser um pregador na cidade, e assim ele foi retido em Londres onde permaneceu até o fim de sua existência como uma testemunha de Jesus Cristo, com habilidades tão verdadeiramente apropriadas a este posto, como aquelas do apóstolo Paulo que eram apropriadas a sua ação em Éfeso, Corinto e Roma.”

No ano de 1749, ele foi escolhido pregador de St. Dunstan - designação esta que lhe acarretaria uma das tempestades mais violentas de perseguição que teve que enfrentar no decurso do seu ministério. O Reitor de St. Dunstan, por alguma razão, disputava o direito pelo púlpito, e ocupava-o ele mesmo durante o momento de orações a fim de excluí-lo desse direito. Romaine, durante este período, fazia-se constantemente presente no seu lugar para assegurar seu direito ao púlpito e demonstrar sua prontidão em realizar as tarefas do seu ofício. A questão foi finalmente levada à Corte do Rei, e, após ouvir a arguição da causa, o Lord Mansfield decidiu que Romaine estava legalmente habilitado para o púlpito. E que sete horas da noite era uma hora apropriada para a sua pregação.

Apesar disso, entretanto, os problemas não terminaram. Cadogan diz que, mesmo depois da decisão do Lord Mansfield, os guardiões da igreja recusavam-se a abrir as portas até as sete horas em ponto, e a iluminar a igreja quando necessário. O resultado era que Romaine freqüentemente tinha que ler as orações e pregar à luz de uma única vela que ele segurava em sua mão. Além disso, visto que as portas da igreja permaneciam fechadas até o exato momento designado para a pregação, a congregação tinha geralmente que reunir-se na Rua Fleet, esperando por admissão. A conseqüência era um grande agrupamento de pessoas reunidas numa das principais vias da metrópole, e, apesar de não haver nenhum barulho ou desordem, ocasionava muita inconveniência àqueles que passavam pela rua. Este estado de coisas continuou por algum tempo. Felizmente, para todos, o Dr. Terrich, Bispo de Londres, o qual um dia pregou ele mesmo, passou uma noite pela Rua Fleet, quando a congregação estava esperando do lado de fora da igreja. Observando a multidão, perguntou a razão, e, sendo-lhe respondido que era a congregação de Romaine,

ele interferiu junto ao reitor e guardiões da igreja em favor deles, expressando grande respeito pelo pregador e conseguindo para ele e seus ouvintes que o culto deveria começar às seis, que as portas deveriam ser abertas com antecedência, e que luzes deveriam ser providenciadas para o período de inverno. Desse tempo em diante, Romaine continuou em paz o exercício de seu ministério em St. Dunstan, sem distúrbios, e para edificação de muitos até o fim de sua vida. Na verdade, ele continuou a pregar ali por não menos de quarenta e seis anos, embora recebesse por isso apenas dezoito libras por ano!

No ano de 1750, Romaine foi designado pregador assistente dos cultos matinais na Igreja de St. George, na praça Hanover, e permaneceu no ofício por cinco anos. De todos os muitos púlpitos que ele ocupou durante o seu longo ministério, este foi, de longe, o mais importante. Estando a igreja situada em uma posição deveras proeminente no extremo oeste de Londres, e sendo bem conhecida como a igreja-mãe da melhor parte da metrópole, isto lhe abriu uma grande e efetiva porta de utilidade. Romaine, em muitos aspectos, era exatamente o homem para este posto. Seus inegáveis poderes como pregador atraíram atenção. Sua bem conhecida erudição inspirava respeito, mesmo da parte daqueles que não concordavam com ele. E, o melhor de tudo, suas ousadas e descompromissadas declarações do real Evangelho de Cristo e claras denúncias contra os pecados da época, eram precisamente a mensagem que a Bíblia nos autoriza esperar que Deus abençoará. Talvez não seja muito dizer que, desde o dia em que a igreja de St. George foi construída até hoje, ela nunca teve seu púlpito tão bem ocupado nas manhãs de domingo como durante os cinco anos nos quais Romaine o ocupou.

As circunstâncias da época em que ele pregou na Igreja de St. George, fizeram o seu testemunho particularmente importante. Um ceticismo frio e impiedoso para com as verdades mais importantes do Cristianismo prevalecia amplamente entre as classes alta e média da sociedade. O Bispo Butler havia lamentado, não muito tempo antes, que “muitas pessoas pareciam admitir como fato consumado que o Cristianismo era algo fictício, e que nada mais restava fazer, senão estabelecê-lo como objeto de riso e zombaria”. Que tal atitude naturalmente produz extrema devassidão, negligência e imoralidade na prática, não é surpresa para nenhum leitor da Bíblia. Na verdade, a impiedade da época era tão grande



e generalizada que poucos hoje podem fazer a menor idéia da situação. Contra esta impiedade, Romaine ergueu um estandarte e soou a trombeta do Evangelho com som bem definido. Ele era, em muitos sentidos, um homem para aquela circunstância, e fôra colocado exatamente no correto lugar. Aqueles que desejarem ver quão ousada e poderosamente ele pregava a mensagem de seu Mestre, fariam bem em ler duas mensagens que ele pregou em St. George, intituladas “Uma Maneira para Evitar a Incidência de Roubos e Assassinatos” e “Um Sermão Sobre a Auto-existência de Jesus Cristo”.

Exatamente na época em que ele foi transferido do púlpito de St. George, os habitantes de Londres foram terrivelmente abalados por dois severos tremores de terra. Tendo isto acontecido simultaneamente com o terrível terremoto que, em um momento, destruiu Lisboa e matou quarenta mil pessoas, este evento causou grande alarme. Milhares de pessoas correram para o Hyde Park e passaram a noite ali. Centenas lotaram os lugares de culto onde as, assim chamadas, doutrinas metodistas eram pregadas, e ansiosamente procuravam consolação. Até mesmo Sherlock, Bispo de Londres, achou necessário publicar uma carta para sua diocese quanto ao assunto, na qual exortava o clero a “despertar o povo e arrancá-los de sua letargia, e fazê-los ver o perigo em que eles próprios se encontravam”. Aí, novamente, Romaine era exatamente o homem para as circunstâncias. Ele pregou e imprimiu dois sermões, que ainda hoje são dignos de serem lidos. Um deles é chamado “Um Alarme para um Mundo Descuidado”, e o outro, “O Dever da Vigilância Imposto”. Embora tenham sido pregados em circunstâncias especiais, não podemos duvidar que estes são os exemplos do tipo de sermão que Romaine geralmente pregava nesse período do seu ministério. Eu penso que é impossível lê-los sem sentir uma profunda tristeza pelo fato de que a Igreja da Inglaterra, no extremo oeste de Londres, não dispunha de mais pregações como estas.

O ministério de Romaine como pregador assistente pela manhã na Igreja de St. George, na praça de Hanover, começou em abril de 1750 e terminou em setembro de 1755. Durante este tempo ele pregava ocasionalmente em Bow Church, fazendo permuta com o Dr. Newton, depois Bispo de Bristol; e também na Capela de Curzon, então chamada St. George's Mayfair, permutando com o Reitor. As circunstâncias pelas quais deixou a igreja de St. George são tão

interessantes que merecem nota especial. Parece que o ofício que ele assumiu como pregador assistente dos cultos matinais não era um cargo independente, mas inteiramente dependente do Reitor, e mantido por sua própria opção, decisão e sustento. O reitor de St. George, que a princípio convidou Romaine para o ofício e, no final de cinco anos, transferiu-o dali, foi o Dr. Andrew Trebeck. Sua designação deu-se devido ao seu próprio elevado caráter e reputação, e não a amizades pessoais; sua transferência foi causada pela popularidade e objetividade de seu ministério. A grande verdade foi que sua pregação atraiu tal multidão para a velha paróquia, que os freqüentadores regulares ficaram ofendidos e queixaram-se de que agora estavam numa situação inconveniente. Forte pressão caiu sobre o reitor; e ele, “querendo agradar” à congregação, comunicou a Romaine que estava destituído de seu ofício. Romaine recebeu a notícia calmamente, dizendo que “estava desejoso de abandonar o ofício, e esperava que sua doutrina houvesse sido cristã, assumindo a inconveniência que causara aos paroquianos”. Algo mais desabonador do que isto provavelmente nunca desfigurou os anais paroquiais da diocese de Londres. Um eminente e piedoso ministro foi removido de seu posto porque atraía ouvintes demais! Enquanto que, nesta mesma época, multidões de ministros nas igrejas de Londres estavam pregando, sem dúvida alguma, toda semana para bancos vazios ou para congregações com meia dúzia de pessoas, sem que ninguém interferisse com eles.

É consolador pensar que havia pelo menos um membro da Igreja de St. George que fez um nobre protesto contra o tratamento que Romaine recebeu. Este foi o velho Conde de Northampton. Ele repreendeu aqueles que haviam se queixado da igreja ficar lotada, lembrando-os de que suportavam multidão ainda maior em um estádio esportivo, uma assembléia, ou uma casa de jogos, sem a menor reclamação. “Se”, disse ele, “o poder de atração é imputado como virtude a Garrick, por que deveria ser imputado como crime contra Romaine? Deveria um bom desempenho ser considerado dispensável apenas com relação às coisas espirituais?” Outro membro da congregação que diz-se ter aderido fortemente à causa de Romaine nesta conjuntura, foi o Sr. John Sanderson, depois cocheiro de George III. Este digno homem viveu até a avançada idade de oitenta e nove anos, e morreu em 1799, depois de adornar, com uma vida exemplar e piedosa, a doutrina que ele professava.

Durante os cinco anos que Romaine pregou em St. George, ocupou por breve tempo o cargo de Professor de Astronomia, no Gresham College. Há pouco registro sobre o que ele fez neste ofício, e é duvidoso que tenha obtido muito sucesso nele. Com toda probabilidade ele era muito melhor teólogo do que astrônomo, e muito melhor preparado para falar sobre Cristo e os céus do que sobre o sol, a lua e as estrelas. Mas, seja qual for o crédito que tenha perdido como professor de astronomia, ele readquiriu cem vezes mais pela maneira como conduziu projeto de lei para a anulação da incapacidade dos judeus. Ele considerou seu dever opor-se veementemente a isto, o que agradou bastante a muitos cidadãos de Londres. Na verdade, seus argumentos foram tão altamente apreciados, que as suas várias cartas sobre o assunto foram reunidas em um panfleto e reimpressas pelos seus amigos na cidade, em 1753.

Da época da transferência de Romaine de St. George, na praça de Hanover, até sua indicação para a Reitoria de St. Anne, em Blackfriars, nós o encontramos ocupando variados e diversos postos, mas nunca se demorando em nenhum deles. O único posto que ele nunca deixou foi o de pregador de St. Dunstan, em Fleet Street. No começo de 1756, tornou-se curado e pregador pela manhã na Igreja de St. Olave, na parte sul da cidade. Ele continuou neste ofício até o ano de 1759, residindo a maior parte do tempo em Walnut Tree Walk, Lambeth. Após deixar a Igreja de St. Olave, ele foi, por dois anos, pregador pela manhã na Igreja de St. Bartholomew, o Grande, perto de West Smithfield. Daí, foi para a Capela de Westminster, mas pregou ali por apenas seis meses. O fim abrupto do seu ofício neste local foi ocasionado por uma nova perseguição. O Deão da Capela de Westminster retirou seu patronato e proteção da capela, e recusou-se a conceder-lhe sua nomeação para pregar ali. A partir de então, ele não teve nenhum outro ofício fixo, exceto o de pregador em St. Dunstan, até que foi escolhido Reitor da Igreja de Sta. Anne, em Blackfriars, em 1766.

Não devemos supor, nem por um momento, entretando, que Romaine tenha sido um homem ocioso durante os anos em que não exerceu nenhum ofício específico nas manhãs de domingo. Ele parece ter pregado constantemente nas igrejas, em instituições de caridade em Londres; pelo que, devido à sua grande popularidade, seus cultos eram ansiosamente procurados. Ele também pregou freqüentemente na Capela do Hospital Lock, desde a inauguração daquela

instituição.

Neste período da sua vida Romaine foi chamado diversas vezes para pregar na Universidade de Oxford; isto, entretanto, chegou ao fim depois que ele pregou dois sermões intitulados O Senhor, Nossa Justiça, no dia 20 de março de 1757, na Capela de St. Mary. Estes sermões causaram grande indignação, e nunca mais permitiu-se que ele assumisse o púlpito da Universidade após a pregação dos tais sermões. Essas mensagens podem ser encontradas hoje entre as suas obras publicadas e fornecem melancólica prova das trevas espirituais em que Oxford estava mergulhada, há cem anos! O corpo administrativo de uma Universidade que pôde excluir um homem do seu púlpito por pregar doutrinas tais como as contidas nesses sermões, deve, sem dúvida, ter estado em um miserável e ignorante estado de mente. A dedicatória que Romaine faz dessas mensagens ao Dr. Randolph, Presidente do Corpus Christi, e vice-chanceler da Universidade é digno de ser lido. Ele diz: “Quando preguei essas mensagens, eu não tinha o propósito de torná-las públicas; mas, desde então, tenho sido compelido a isto. Eu percebi que elas causaram grande indignação, especialmente no senhor, e, em consequência disso, me tem sido recusado o púlpito da Universidade. Para fazer justiça, não a mim mesmo, pois eu desejo estar fora de questão, mas à grande doutrina aqui tratada, ou seja, à justiça de nosso Senhor Jesus Cristo como a única base para a nossa aceitação e justificação diante de Deus nosso Pai, eu mandei imprimir o que foi pregado do púlpito. Eu deixo que os amigos de nossa Igreja julguem se há aí qualquer coisa além ou contrária às Escrituras e às doutrinas da Reforma. Se não, eu estou isento de culpa. Se houver, o senhor tem obrigação de manifestá-lo. O senhor tem uma boa pena, e muito tempo ocioso; faça uso deles, e eu espero e oro que o senhor use-os para o seu bem e o meu.” É desnecessário qualquer comentário sobre toda esta questão. O tratamento que Romaine recebeu em Oxford foi tão pouco recomendável para a Universidade, quanto foi o tratamento que ele recebeu do extremo oeste de Londres pelos paroquianos da Igreja de St. George, na Praça Hanover.

Foi mais ou menos neste período de sua vida que Romaine tornou-se íntimo da bem conhecida Lady Huntingdon, a qual o tornou um dos seus capelões particulares. Nessa condição, ele costumava pregar freqüentemente em sua

casa, tanto em Londres como perto de Ashby-de-la-Zouch, e nas várias capelas ou casas de pregação que ela construiu em Brighton, Bath, e em outros locais. Na verdade, à sua amizade ele deveu finalmente sua designação para a Reitoria de Sta. Anne, em Blackfriars, quando tinha cinqüenta e dois anos de idade. As circunstâncias da sua designação para esse posto, a história de seus vinte e nove anos de ministério ali, e algumas informações sobre seus escritos, cartas e caráter são assuntos que reservarei para outro capítulo.

Difícilmente um biógrafo de William Romaine pode deixar de observar que a vida dele se divide naturalmente em três períodos. O primeiro se estende do seu nascimento ao início do seu ministério, em Londres, em 1746. O segundo vai de 1746 até o seu estabelecimento definitivo na Igreja de St. Anne, em Blackfriars, em 1764. O terceiro compreende seu ministério em Blackfriars, até o tempo da sua morte em 1795. É esta terceira e última parte de sua história que me proponho tratar neste capítulo.

A designação de Romaine para a reitoria da Igreja de St. Anne, em Blackfriars, ocorreu em um período muito crítico na sua vida ministerial. Ele estava então com cinqüenta anos de idade. Após pregar em Londres por dezoito anos, ainda estava sem posição fixa como Titular (incumbente) de uma paróquia. Todas as portas pareciam fechadas para ele. Oposição e perseguição seguiam-no aonde quer que ia. Em suma, parecia que era de se questionar se não seria melhor desistir definitivamente de Londres e dirigir-se para outro lugar. Lord Dartmouth lhe havia oferecido um lugar no interior. Whitefield insistia que ele aceitasse uma grande igreja na Filadelfia, na América. Amigos impetuosos insistiam que os deixasse construir uma capela para ele. Não parecia improvável que ele tivesse que cumprir as predições de seus inimigos e terminar deixando a Igreja da Inglaterra, tornando-se mais um ministro dissidente.

Mas Romaine valorizava profundamente a Igreja da Inglaterra. Ele amava seus Artigos de Fé e Livro de Oração com incomum amor. Quaisquer que fossem seus defeitos, no que diz respeito à administração, e por pior que ela tratasse seus melhores filhos, ele acreditava que o ocupante de seus púlpitos tinha

vantagens peculiares; e recusava-se terminantemente a deixá-la. Ele era católico, gentil e de espírito liberal para com aqueles que não eram ligados à Igreja da Inglaterra, e costumava manter amigável comunhão com muitos deles. Quanto a isto, até John Wesley, embora arminiano, dava forte testemunho. Em uma carta a Lady Huntingdon, em 1763, ele diz: “O senhor Romaine tem demonstrado possuir um espírito verdadeiramente simpaticante, e agido como um irmão.” Mas nada poderia induzi-lo a abrir mão de sua posição e tornar-se um Não-conformista. A esta altura ele foi grandemente fortalecido em sua determinação pelo conselho do excelente clérigo Walker de Truro. Ele resolveu apegar-se à igreja na qual havia sido ordenado e esperar pacientemente que alguma porta fosse aberta. Sua paciência foi finalmente recompensada. Por uma singular sucessão de providências, ele tornou-se Reitor (ministro responsável) de uma importante paróquia na cidade, e lá passou os últimos vinte e nove anos de sua vida exercendo tranqüilamente o seu ministério.

As circunstâncias nas quais Romaine foi designado para a sua nova esfera de ação foram bem interessantes. O patronato da paróquia unida de St. Andrew, formada pelas igrejas de Wardrobe e St. Anne, em Blackfriars, estava sob o encargo do Lord-Chancellor e dos paroquianos, alternadamente. O predecessor imediato de Romaine foi o senhor Henley, sobrinho do então Lord-Chancellor Henley. Ele ficou na função apenas seis anos e morreu de febre pútrida, tendo sido contaminado ao visitar um membro da paróquia. Depois da sua morte, a designação dependia dos paroquianos; e de imediato alguns amigos de Romaine, sem seu conhecimento e consentimento, resolveram nomeá-lo como candidato para o posto vago. Logo se descobriu que pelo menos dois terços dos paroquianos estavam a seu favor; e, apesar dele recusar-se a pedir votos, sua designação foi calorosamente defendida pela Lady Huntingdon, senhor Thornton, e o senhor Madan.

Havia outros dois candidatos além de Romaine, e, de acordo com o costume em tais ocasiões, ele foi convidado para pregar um sermão de prova diante da congregação. Este sermão, pregado no dia 30 de setembro de 1734, baseado em 2 Cor. 4:5, é encontrado entre as suas obras impressas e é testemunho positivo, tanto de sua erudição quanto de sua piedade. Uma parte do sermão, na qual ele explica suas razões por não pedir pessoalmente votos aos eleitores,

merece menção particular. Ele diz:

“Alguns têm insinuado que foi por orgulho que eu não percorri a paróquia de casa em casa, pedindo votos; mas, na verdade, foi por outro motivo: eu não pude ver como isto promoveria a glória de Deus. Como pode honrar a Jesus que seus ministros, os quais renunciaram à fama, riquezas e comodidade, estejam ansiosos e empenhados em busca daquelas coisas que eles renunciaram? Sem dúvida, isto seria revelar um espírito tanto mundano quanto político. E, visto que este método de pedir votos não honra a Jesus, também não é para nossa honra; ele é indigno da nossa função; nem é de proveito algum para vocês. Que bem faria isso às almas de vocês? Como isso lisonjearia o entendimento de vocês? Que vantagem, de qualquer espécie, teriam vocês em serem abordados e solicitados neste sentido por toda pessoa com a qual tenham qualquer conexão, ou de quem de algum modo dependem? Não seria isso privar vocês da sua liberdade de escolha? Movido por estes motivos, quando meus amigos decidiram por eles mesmos inscrever-me como um candidato a esta função, a qual até o momento não fiz nenhuma petição direta ou indireta, eu resolvi deixar que vocês decidam por si mesmos. Se me escolherem, eu desejo ser servo de vocês, por amor a Jesus; caso contrário, seja feita a vontade do Senhor.”

Deve ser observado que este sermão em nada prejudicou o pregador. Ao contrário, foi-lhe favorável. Ele foi bem recebido pela congregação e publicado a pedido deles.

Não obstante o forte suporte que Romaine recebeu, sua designação não foi consumada sem que houvesse grande dificuldade e oposição. Uma eleição acalorada e contestada, uma votação, um escrutínio e um apelo à Corte do Chanceler foram interpostos entre o primeiro movimento de seus amigos e o cumprimento final do desejo deles. Finalmente, depois de dezoito meses de demora, todos os obstáculos foram removidos, um decreto a seu favor foi dado pelo Lord Henley, e ele foi designado e empossado Reitor da Igreja de St. Anne, em Blackfriars, em fevereiro de 1766. Talvez ninguém tenha trabalhado mais dedicadamente em seu favor, durante esse período de ansiedade e suspense,

do que Lady Huntingdon. Ela viu claramente a imensa importância de que tal campeão do Evangelho de Cristo viesse a assumir uma posição proeminente em Londres; e não deixou uma pedra que não fosse removida para confirmar a sua designação. Ajuda também surgiu de pessoas mais inesperadas. É dito que um taberneiro da cidade foi um dos seus partidários e solicitadores de votos mais ativos. No início ninguém podia entender a razão, mas depois que tudo terminou, quando Romaine o chamou para agradecer-lhe, o valioso taberneiro replicou: “Na verdade, senhor, eu lhe devo mais do que você a mim; porque o senhor fez da minha mulher - que era uma das piores - a melhor mulher do mundo.”

Romaine iniciou seu novo ministério com um profundo senso de sua própria insuficiência. Aquele que tencionava fazer dele um sábio construtor, ensinara-lhe a cavar um seguro alicerce de auto-humilhação e humildade. Suas próprias cartas, por ocasião em que fora eleito, dão um retrato muito vivo de seus sentimentos.

Em uma delas ele diz: “Meus amigos estão todos rejubilantes à minha volta, e desejando-me uma alegria que eu não posso ter. Foi a vontade do meu Mestre, e eu a ela me submeto. Ele sabe o que é melhor para sua própria glória e para o bem do Seu povo, e eu estou certo de que Ele não comete engano em nenhuma dessas coisas. Mas estou cabisbaixo neste momento pela terrível apreensão que sempre tive em ter que tomar conta de almas. Eu estou aterrorizado de pensar em pastorear duas ou três mil almas, quando seria tarefa suficiente pastorear apenas uma. O meu coração atormentado me sobrecarrega quase que até a morte; o que posso eu fazer por tão grande multidão?”

Em uma carta a Lady Huntingdon, na mesma data, ele diz: “Agora, quando eu estava me aproximando do meu descanso e havia começado a dizer à minha alma para repousar, sou chamado para o ministério público - e dos mais difíceis - logo agora ao ingressar no poente da minha vida. Eu não posso ver nada à minha frente, enquanto viver, a não ser luta; e isto contra homens insensatos, uma paróquia dividida, um clero irado, e um mundo ímpio. Tudo a ser resistido e vencido. Além disso, há um inimigo determinado, hábil e cruel, com o qual não



posso fazer as pazes - não, nem por um momento, de dia ou de noite -, com todos os seus filhos e exércitos intentando a minha destruição. Quando eu atento para a carne começo a desfalecer; mas quando entro no santuário, vejo minha boa causa e meu Mestre Todo-Poderoso e amigo verdadeiro, e, então, minha coragem é reavivada. Embora eu de modo algum esteja preparado para a obra, ainda assim, Ele me chamou e dEle eu dependo para ter força e para coroá-la de sucesso. Eu me desespero completamente em fazer qualquer coisa como se de mim mesmo; tanto mais eu tenho para fazer, mais sou forçado a viver pela fé nEle. Com isto em vista espero conseguir uma grande recompensa: Que eu venha a desejar mais a Jesus, e me aproximar mais dEle.

Quaisquer que tenham sido as antecipações de problemas que Romaine tenha imaginado, ele deparou-se, comparativamente, com poucos, em Blackfriars. Na verdade, seus vinte e nove anos de ministério ali, comparados com os anos iniciais, foi uma época de quietude. Sem dúvida, ele teve inimigos e opositores, como todo fiel pregador do Evangelho. Mas eles pouco puderam fazer para perturbá-lo. O resultado foi que os últimos anos de sua vida, embora não menos úteis do que os primeiros, foram certamente menos agitados. Como um rio que se lança ruidosamente para baixo na encosta de uma montanha, mas que desliza silenciosamente quando alcança as planícies tornando-se navegável, assim o ministério de Romaine, a partir da época do seu estabelecimento em Blackfriars, embora tenha feito menos barulho, foi provavelmente mais benéfico para a Igreja de Cristo. Ele necessariamente tornou-se menos um pregador itinerante e missionário. As necessidades da sua própria paróquia e púlpito obrigaram-no a permanecer muito mais em casa, e absorveram muito do seu tempo e atenção. Mas sua utilidade, seja qual for o pensamento de alguns juízes apressados, não apenas não diminuiu como provavelmente aumentou bastante.

A pura verdade é que, como titular de uma paróquia em Londres, Romaine tornou-se um ponto de convergência para todos os que amavam a verdade evangélica na Igreja da Inglaterra, em Londres. Homem após homem, e família após família, reuniram-se em torno do seu púlpito, até que sua congregação tornou-se o núcleo de imenso bem na metrópole. Sua constante e resoluta declaração de toda a verdade de Cristo produziu insensivelmente uma poderosa impressão na mente das pessoas, e fê-las entender o que deveria ser um

verdadeiro ministro da Igreja da Inglaterra. Sua inegável erudição fez dele um adversário que poucos ousavam enfrentar, e deu um peso às suas asseverações, o qual nem sempre possuía quando vinham dos lábios de homens não eruditos. Sua posição lhe deu vantagens peculiares. Próximo tanto da capela de St. Paul como de Westminster, ele mantinha um posto do qual estava sempre pronto para batalhar, quer com a boca quer com a pena. Se o erro levantava-se desenfreado, Romaine estava na posição, preparado para atacá-lo. Se a verdade era assaltada, ele estava igualmente preparado para com ímpeto defendê-la. Em poucas palavras, o bem que ele fez como ministro em Blackfriars, embora menos evidente, foi provavelmente mais sólido e permanente do que o bem que fez durante toda a sua vida anterior.

Tentar relatar todos os eventos da sua vida durante os seus vinte e nove anos, em Blackfriars, seria de pouco uso, mesmo se possuíssemos material para fazer isto. Desde o início do seu ministério ali, ele sofreu bastante para ter os cultos da sua igreja conduzidos com estrita reverência e boa ordem. Como muitos outros ministros, ele não descansou até colocar as coisas em ordem na sua igreja, preparar um bom Conselho, e tornar eficientes as escolas paroquiais. Uma vez terminadas essas coisas, ele entregou-se totalmente ao trabalho específico do seu ofício. Nunca ficou inativo, e dificilmente passava um dia do Senhor em silêncio. Pregar, visitar, escrever ou corresponder-se com muitos que pediam seus conselhos ocuparam quase que todo o seu tempo até o fim de sua vida.

Ele não era, talvez, o que se chamaria hoje em dia um homem cordial. Era “naturalmente um homem fechado e reservado”, como diz Cadogan, “irritável até certo grau, curto e rápido em suas respostas, e freqüentemente tido por rude e mal-humorado, quando não era a sua intenção. Se ele houvesse prestado mais atenção para os vários infortúnios da alma e do corpo que eram colocados diante dele, não teria tempo para leitura, meditação e oração, e, resumindo, para o que todo homem deve fazer em privado, se quiser ser útil em público. Não era incomum Romaine dizer àqueles que vinham até si, com problemas de consciência e questões espirituais, que já havia dito no púlpito tudo o que tinha a dizer. Desse modo, as pessoas podiam sentir-se feridas, no momento, por tal tratamento, mas eles apenas tinham que atentar para a sua pregação, e cedo descobriam que suas dificuldades haviam-no impressionado tanto quanto a eles

mesmos; que eles haviam sido submetidos a Deus e que haviam sido assunto de sua consideração séria e afetuosa.”

Estas observações de Cadogan merecem especial atenção. Infelizmente, Romaine não é o único ministro cuja reputação tem sofrido devido à deturpação e má compreensão. Infelizmente, poucos homens estão tão sujeitos a serem injustamente julgados, como ministros que estão em posições proeminentes, e são eminentes devido aos dons e virtudes. Mesmo os cristãos estão demasiadamente prontos a acusá-los de soberbos, arrogantes, frios, distantes, reservados e insociáveis, sem nenhuma razão justa para isso. As enormes demandas continuamente feitas do seu tempo e forças; as muitas dificuldades privadas com as quais freqüentemente têm que contender; a absoluta necessidade que têm de muita leitura, meditação e comunhão diária com Deus: todas estas coisas são, com extrema freqüência, inteiramente esquecidas. Na verdade, muitos são os ferimentos na alma que os ministros precisam suportar, ocasionados por observações indelicadas de amigos insensatos. O copo do qual Romaine teve que beber é um copo do qual muitos ministros têm que beber hoje em dia.

As muitas histórias preservadas a respeito de Romaine são todas, de algum modo, características do homem que Cadogan descreve. Elas dão uma idéia de alguém que era lacônico e abrupto ao extremo em suas comunicações; tanto assim que, de fato, podemos até entender porque pessoas melindrosas sentiam-se ofendidas por ele. Ainda assim, estas histórias sempre tendem a provar que ele era um homem de virtudes, dons e bom senso incomuns.

Uma noite, ele foi convidado à casa de uma amiga, e, depois do chá, a senhora dona da casa convidou-o para jogar cartas, ao que ele não fez objeção. As cartas foram trazidas e, quando todos estavam prontos para começar a jogar, Romaine disse: “Vamos pedir as bênçãos de Deus.” “Pedir as bênçãos de Deus!”, disse a senhora com grande surpresa. “Eu nunca ouvi tal coisa antes de um jogo de cartas!” Romaine então inquiriu: “Deveríamos nós fazer qualquer coisa pelo que não pudéssemos pedir as bênçãos de Deus?” Esta reprimenda

pôs fim ao jogo de cartas.

Em outra ocasião, ele foi abordado por uma senhora que expressava o grande prazer que tinha sentido devido à sua pregação, e acrescentou que poderia aquiescer a todas as suas solicitações, com exceção de uma. “E qual é ela?”, perguntou Romaine. “Jogo de cartas, senhor”, foi a resposta. “Você acha que não poderia ser feliz sem elas?” “Não, senhor, eu sei que não poderia.” “Então, Madame”, disse ele, “as cartas são o seu deus, elas que a salvem.” Registra-se que esta observação direta levou-a a sérias reflexões e, finalmente, a abandonar o jogo de cartas.

Quando o infeliz Dr. Dodd foi sentenciado à morte por falsificação, Romaine, entre outros, sentiu um interesse profundo e melancólico por ele. Houvera um tempo quando ele e Dodd tinham se relacionado mais intimamente, devido ao interesse comum pelo aprendizado do Hebraico. Quando, entretanto, o pobre Dodd começou a amar mais o mundo que Cristo, aquela intimidade cessou, e ele, de fato, disse a Romaine que esperava que este não o reconhecesse se o encontrasse em público! Antes da sua execução, Romaine o visitou em Newgate, atendendo o seu pedido, e muitos estavam ansiosos para saber o que ele achava do estado espiritual do prisioneiro. Mas a única resposta que conseguiram extrair dele foi a seguinte: “Eu espero que ele possa ser um real penitente; mas, há uma grande diferença entre dizer ‘Deus, tem misericórdia de mim, pecador’, e realmente sentir isso.”

Lacônico e abrupto como, evidentemente, era o ministro de Blackfriars em seu comportamento, ele era também muito sensível quanto às suas próprias deficiências de temperamento, e muito disposto a confessar-se em erro. Em certa ocasião, um ministro dissidente que, com freqüência, assistia às suas mensagens, chamou-o para queixar-se de algumas severas reflexões que achava ter Romaine feito sobre os Dissidentes. Tendo feito sua queixa, Romaine replicou: “Eu não quero ter nada a dizer-lhe, senhor.” “Se o senhor me ouvir”, acrescentou o outro, “eu lhe direi o meu nome e profissão. Eu sou um ministro protestante dissidente”. “Senhor”, disse Romaine, “eu não estou interessado em

saber nem o seu nome nem a sua profissão”. Diante disso, o infeliz Não-conformista baixou a cabeça e foi embora. Não muito depois disso, Romaine, para grande surpresa do seu censurado ouvinte, retribuiu a visita, e, depois da usual saudação, disse-lhe: “Bem, senhor T., eu não vim para renunciar meus princípios, eu não mudei de opinião, não desisto da minha preferência pela Igreja da Inglaterra; mas vim como um cristão para me desculpar. Eu acho que meu comportamento para com o senhor, no outro dia, não foi adequado; não como deveria ter sido”. Eles, então, apertaram as mãos e despediram-se como bons amigos.

A última enfermidade de Romaine ainda o encontrou realizando a obra de seu Pai, e feliz em seu trabalho. Ele viveu até a avançada idade de oitenta e um anos, e desfrutou do pleno uso de suas faculdades até os últimos instantes. Durante os últimos dez anos de sua vida, ele parece ter sido grandemente suavizado e abrandado, um belo exemplo daquela aparência amorosa, um piedoso ancião, “uma cabeça branca encontrada no caminho da justiça”. Ele desceu gradualmente o vale em direção ao rio com toda a riqueza dourada de um sol pondo-se no verão. Parecia haver pouco que não fosse céu, em seus sermões ou na sua vida; e, como o moribundo Baxter, ele falou da sua futura casa com grande familiaridade, como alguém que já a tinha em contemplação.

Foi muito bem observado por alguns dos seus amigos, nestes últimos dias do seu ministério, ter sido ele um verdadeiro diamante, naturalmente áspero e rude, mas, quanto mais era quebrado pelos anos, mais parecia brilhar. Freqüentemente havia uma luz em sua face - e, particularmente, quando pregava - que parecia como a aurora, ou como uma tênue aparência da glória. Se alguém lhe perguntava o seu estado, em geral a resposta era: “Tão bem quanto eu posso estar fora dos céus.” Ele deu esta resposta pouco antes da sua morte a um amigo de outra denominação, e então acrescentou: “Há apenas um ponto central, no qual todos precisamos estar de acordo: Jesus Cristo e este crucificado.” Era isto o que ele sempre tinha em vista: o maravilhoso Deus-Homem, o qual, de acordo com suas próprias palavras, “tinha aceito para o seu corpo e sua alma, para o tempo e eternidade, seu presente e eterno tudo.”

Sem dúvida, os hábitos de vida simples e regulares de Romaine tinham muito a ver com a sua vida longa e idade avançada vigorosa. Inquestionavelmente, há ministros que parecem independentes de hábitos de alimentação e horários regulares, e cujas constituições de ferro parecem suportar qualquer dificuldade. Mas o número deles é pequeno. De Romaine, Cadogan diz: “Sua hora para o café era às seis da manhã; para o almoço, uma e meia; e para o jantar, sete horas. Sua família se reunia para orar às nove horas da manhã e no mesmo horário à noite. Seu Saltério Hebraico era companheiro constante no café da manhã e ele, freqüentemente, falava do muito que sua primeira refeição era santificada pela Palavra de Deus e oração. Das dez à uma, ele geralmente empenhava-se em visitar os doentes e amigos. Retirava-se para o estudo depois do almoço e, às vezes, andava depois do jantar, no verão. Depois da reunião noturna com sua família, ele voltava novamente a estudar, e recolhia-se às dez. Nunca se desviava desta rotina de vida, exceto quando era hóspede na casa de amigos; e, neste caso, ele tomava café às sete, almoçava às duas e jantava às oito. Seu apego às regras neste respeito nunca foi tão evidenciado como quando em um episódio que aconteceu durante os últimos anos de sua vida. Ele foi convidado por um eminente membro da igreja para jantar com ele às cinco horas. Romaine respeitava muito a pessoa que o convidara, e desejou demonstrá-lo. Assim, ao invés de mandar-lhe uma desculpa por escrito, foi até o amigo pessoalmente, agradeceu-lhe o convite, desculpou-se por causa dos seus antigos hábitos quanto a horário, sua avançada idade e suas freqüentes enfermidades.

O leito de morte de Romaine foi uma bela ilustração da veracidade do dito de John Wesley “Nosso povo morre bonito! O mundo pode encontrar falta nas nossas opiniões, mas o mundo não pode negar que o nosso povo morre bonito”. Este foi, eminentemente, o caso de Romaine. Sua doença fatal o atacou em um sábado, no dia 6 de junho de 1795, e pôs um fim à sua vida no dia 26 de julho. O último sermão que ele pregou foi na quinta-feira da noite anterior, na igreja de St. Dunstan. Fora uma exposição do décimo oitavo capítulo do Evangelho segundo João; e ele comentou com o seu Curado que deveria apressar-se o máximo que podia, pois, de outro modo, ele não concluiria o estudo do Evangelho antes que as palestras de verão terminassem. Seu último sermão, em Blackfriars, foi na terça-feira da manhã anterior, baseado no décimo terceiro verso do Salmo 103 - “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem”. Estas datas merecem uma atenção especial. Este bom e velho

servo de Cristo, com a idade de oitenta e um anos, estava, evidentemente, pregando pelo menos três dias por semana!

A partir do momento em que foi acometido pela doença, ele entendeu que esta seria sua última; e, apesar dos ocasionais sintomas de melhora durante as sete semanas que durou sua enfermidade, nunca mais subiu ao púlpito. Ele falava de si mesmo como um homem à beira da morte, porém, sempre como alguém que tinha paz em sua fé. Na manhã em que ficou doente, ele desceu para o café da manhã como era usual, na casa em Balham Hill, onde estava, e presidiu a devoção familiar. Observou-se que orou mui urgentemente a Deus para que “Ele os preparasse e desse-lhes suporte nas provações daquele dia, que poderiam ser muitas”. E retornou, no mesmo dia, para sua casa em Londres, conversando mui proveitosa e confortavelmente no caminho sobre a proximidade da morte e a imediata perspectiva da eternidade. Ele disse: “Quão animadora é agora a visão que tenho da morte, e a esperança que me está reservada nos céus, cheia de glória e imortalidade!” Ao chegar em casa, sua última enfermidade o alcançou.

Ele continuou em sua própria casa, em Londres, por aconselhamento médico por três semanas, e usou todos os meios que seu médico lhe prescreveu. Mas disse: “Você está se incomodando demais em sustentar este débil corpo; eu lhe agradeço por isso; mas, agora, não vai adiantar.” Seu Saltério Hebraico estava perto dele, e freqüentemente lia um ou dois versos, não tendo condições de continuar. Devido à natureza de sua enfermidade, ele só podia falar pouco; e, sendo uma vez perguntado se veria alguns de seus amigos, replicou que “não precisava de melhor companhia do que a que desfrutava agora”.

“No dia 26 de junho”, diz seu biógrafo, Cadogan, “ele deixou a cidade e foi para a casa de um amigo em Tottenham, a fim de passar duas semanas, onde ele teve tal melhora que chegou a poder passear pelo jardim. Ao retornar para a cidade, disse ao seu Curado que havia estado por um bom tempo nos braços da morte e que, se estivesse recuperando-se, era muito vagarosamente. ‘Mas’, disse ele, ‘quando muito, esta é apenas uma vida moribunda; entretanto, eu estou em Suas mãos, o qual fará o melhor para mim; eu estou certo disto. Eu vivi

o suficiente para experimentar tudo que falei e tudo que escrevi, e bendigo a Deus por isso'. A outro amigo ele disse: 'Eu tenho a paz de Deus em minha consciência e o amor de Deus no meu coração; e isto, você sabe, é uma abençoada experiência. Eu sabia, antes, que as doutrinas que pregava eram verdades, mas, agora, eu experimento que são abençoadoras.' Agradecendo a outro amigo pela visita, Romaine disse-lhe 'que ele havia vindo ver um pecador salvo'. Isto ele sempre afirmou que seria seu suspiro de morte; desejava morrer com a linguagem do publicano em sua boca: 'Deus, tem misericórdia de mim, um pecador'."

Ele continuou em Londres por uns poucos dias neste abençoado estado de mente, e então retornou no dia 13 de julho para a casa de seu amigo, Sr. Whitridge, em Balham-Hill, onde havia estado quando ficou doente. A partir desta data, suas forças decaíram rapidamente, mas sua fé e paciência nunca o abandonaram. Ele freqüentemente dizia: "Quão bondoso é Deus! Que conforto Ele me dá! Que expectativa eu vejo diante de mim de glória e imortalidade! Ele é meu Deus em vida, na morte e por toda a eternidade." No dia 23 de julho, quando sentou-se para o café da manhã, disse: "Faz agora aproximadamente sessenta anos desde que Deus abriu a minha boca para proclamar a permanente suficiência e eterna glória da salvação em Cristo Jesus; e agora, aprouve-Lhe fechar a minha boca, a fim de que meu coração possa sentir e experimentar o que a minha boca tem falado tão freqüentemente."

No dia 24 de julho depois de ser ajudado a descer as escadas pela última vez, Romaine disse: "Oh, quão bondoso é Deus! Com que noite ele me favoreceu!"; e pedia, ao mesmo tempo, que orações incessantes fossem feitas a seu favor, a fim de que sua fé e paciência não o abandonassem. Ele falou com grande amabilidade e afeição sobre sua esposa; e, agradecendo-lhe por todo o cuidado que ela tinha por ele, disse: "Venha, meu amor, para que eu possa abençoá-la: o Senhor seja para com você, para sempre, o Deus da Aliança a fim de salvá-la e abençoá-la." A Sra. Writridge, em cuja casa ele estava morrendo, ao vê-lo e ouvi-lo abençoar sua esposa, disse: "O senhor não tem uma bênção para mim?" "Sim", respondeu ele; "eu oro que Deus a abençoe." E assim dizia para cada um que vinha até si.



No sábado do dia 25 de julho, ele não pôde descer as escadas, mas permaneceu deitado na cama o dia inteiro, em grande fraqueza de corpo, mas forte na fé, dando glória a Deus; e o poder de Cristo estava sobre ele. No fim do dia, alguns ouviram-no dizer: “Embora eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque tu estás comigo.” Cerca de uma hora antes da sua morte, o Sr. Whitridge, seu anfitrião e amigo, disse: “Eu espero, meu querido senhor, que a salvação de Jesus Cristo lhe seja agora preciosa, querida e valiosa.” A resposta foi: “Ele é para mim um precioso Salvador.” Estas foram as últimas palavras que dirigiu aos homens. Ao Senhor, ouviram-no dizer: “Santo! Santo! Santo! Bendito Jesus! A Ti louvores sem fim!” Cerca de meia-noite, ao começar o dia do Senhor, ele deu o seu último suspiro, e entrou naquele eterno descanso que ainda resta para o povo de Deus. Bem dizem as Escrituras: “Observa o homem íntegro, e atenta no que é reto; porquanto o fim deste homem é paz” (Sl. 37:37).

Os amigos e parentes de Romaine tinham real intenção de dar-lhe um funeral privado, mas isso tornou-se impossível. Os muitos ouvintes do ministro, que pregara o Evangelho em Londres por quarenta e cinco anos, não podiam ser impedidos de demonstrar seu respeito e afeição seguindo-o até a sepultura. Multidões olhavam para ele como pai espiritual. Centenas veneravam seu caráter e consistência, embora não abraçassem totalmente o Evangelho que ele havia pregado. O resultado foi que o seu funeral, apesar de todos os desejos e intenções, foi peculiarmente concorrido. Cinqüenta carruagens seguiram o carro fúnebre partindo de Clapham Common, além de muitas pessoas a pé. Quando a procissão alcançou o obelisco, em St. George Fields, a multidão reunida era realmente muito grande; mas o silêncio, a solenidade e a ordem prevaleciam. Aos pés da Ponte de Blackfriars, os oficiais da cidade estavam esperando com seus homens usando cachecol preto e fitas pretas no chapéu, e cavalgaram diante do carro fúnebre até a entrada da igreja. Eles haviam sido ordenados pelo prefeito, como demonstração do seu respeito pela memória de um homem cujo caráter tinha permanecido tão elevado na cidade de Londres. Assim, entrou para a sua última morada no dia 3 de agosto de 1795, em meio a muitas evidências públicas de respeito e afeição, o venerável ministro de Blackfriars. No final do seu longo ministério de quarenta e cinco anos, ninguém abriu a boca contra ele. Os ventos e ondas de perseguição tinham finalmente cessado. Ele tinha calado completamente toda oposição, e morreu honrado e lamentado. Tão verdadeira é a palavra da Escritura: “Sendo o caminho dos homens agradável ao Senhor,

este reconcilia com eles os seus inimigos” (Prov. 16:7).

Romaine foi casado, embora mais tarde do que muitos ministros. Sua esposa foi a Sra. Price, e, como vimos, ela sobreviveu ao marido. Ele teve filhos, dos quais um morreu cedo em Trincomalee, em 1782, para sua grande tristeza. Outro filho esteve consigo em sua última doença, do qual Romaine falou com grande afeição, expressando sua esperança nele como um filho na fé, assim como um filho na carne. Dos outros filhos eu não pude encontrar nenhum registro.

Muitas das obras literárias de Romaine são tão bem conhecidas que não preciso incomodar meus leitores descrevendo-as. Sua maior obra, A vida, o andar e o triunfo da Fé, tem sido freqüentemente reimpressa e desfruta de uma posição respeitável entre os clássicos evangélicos ingleses. Seus Doze Sermões Sobre a Lei e o Evangelho têm sido também republicados mais de uma vez, e, em meu julgamento, merecidamente. Eu considero esta a obra melhor e mais valiosa que ele publicou. Seus Sermões Expositivos sobre o Salmo 107 e sobre Cantares de Salomão não são tão bem conhecidos como deveriam ser. O segundo, especialmente, lança mais luz em um dos livros mais difíceis das Escrituras do que muitas obras de maiores pretensões. Seus sermões são certamente muito pouco conhecidos. Mas ninguém que queira ter uma justa idéia do tipo de pregador que foi Romaine, pode deixar de lê-los. Devido à simplicidade, essência, objetividade e eficácia - devido às sentenças curtas, verdadeiras e vigorosas - eles podem ser favoravelmente comparados com quase quaisquer sermões evangélicos do século passado.

Muitas de suas cartas em sua Correspondência publicada são bastante valiosas. Como John Newton, ele escreveu em dias quando os modernos mecanismos da sociedade, encontros de comitês, congressos, etc, eram totalmente desconhecidos, e quando um homem tinha mais tempo para escrever longas cartas do que agora tem. Aqueles que gostam de ler a Cardiphonia e Omicron, de Newton, achariam valioso consultar as correspondências de Romaine. Cristo e Bíblia são os dois fios dourados que parecem correr por todas as suas cartas.

Entretanto, talvez uma das publicações mais úteis que Romaine publicou, seja uma que dificilmente é conhecida. Eu posso estar errado, mas creio firmemente que a minha estimativa de sua utilidade será verificada correta no último dia. A publicação a que me refiro é chamada *Um Urgente Convite aos Amigos da Igreja Estabelecida a Unirem-se com Diversos dos Seus Irmãos, Ministros e Leigos em Londres, em Separar uma Hora por Semana para Oração e Súplicas Durante os Presentes Dias Difíceis*. Há forte razão para acreditar que esta pequena publicação foi eminentemente útil quando a princípio surgiu, e que estimulou uma espantosa sucessão de súplicas, intercessões e orações até o dia de hoje. Além de qualquer dúvida, isto foi um movimento na direção correta. O livro dirigia os homens a Ele, que somente tem todos os corações em Suas mãos, e que somente pode reavivar Sua igreja em tempos de morte. Quem pode dizer que muito da obra do Espírito nos últimos sessenta anos não pode finalmente ser atribuída à resposta das orações de Romaine? Um fato, de qualquer modo, merece ser especialmente lembrado. Quando Romaine primeiramente publicou seu Convite, em 1757, ele apenas conhecia cerca de uma dúzia de ministros em toda a Inglaterra que estavam dispostos a se unirem consigo e a aderir ao seu esquema de oração. Mas quando morreu, em 1795, ele estimava que o número de homens da mesma mente na Igreja Estabelecida havia crescido para pelo menos trezentos. Este fato somente fala por si mesmo.

Eu deixo aqui o quarto herói espiritual do Século XVIII, e peço aos meus leitores que dêem ao seu nome a honra que merece. Ele não tinha todos os dons populares de alguns dos seus contemporâneos; ele não tinha a característica do atrativo cordial de muitos em seus dias. Mas tomem-no no conjunto, ele era um grande homem e um poderoso instrumento nas mãos de Deus para o bem. Ele permaneceu numa posição muito proeminente em Londres, testificando do Evangelho da graça de Deus, sem nunca esquivar-se disso por um dia. Permaneceu sozinho, quase sem financiadores, patrocinadores ou cooperadores. Permaneceu no mesmo lugar, constantemente pregando aos mesmos ouvintes, sem poder, como Whitefield, Wesley, Grimshaw e outros irmãos itinerantes, pregar sermões antigos. Ele permaneceu lá, testemunhando as verdades que eram mais impopulares, trazendo sobre si oposição, perseguição e desprezo. Permaneceu em uma das posições mais públicas, sendo continuamente vigiado, observado e notado por olhos não amigáveis, prontos para detectarem faltas no momento em que ele as cometesse. Entretanto, durante todos estes quarenta e cinco anos, ele manteve um caráter

imaculado, sustentando firmemente seus princípios iniciais até o fim, e morreu finalmente como um bom soldado no seu posto, cheio de dias e honra. O homem do qual estas coisas podem ser ditas deve ter sido um homem incomum. É o lugar e a posição que de modo especial prova o que somos. Na Inglaterra, há cem anos, não havia quatro campeões espirituais maiores e mais dignos de honra do que William Romaine.

\* Traduzido por Paulo R. B. Anglada, a partir de J. C. Ryle, *Christian Leaders of 18th. Century* (reprint, Edinburgh and Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1978), 149-79. Texto não revisado.